

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

RAIMUNDA MARIA DOS SANTOS MARTINS

**A LEITURA COMO PRAZER E MOTIVAÇÃO NO
CONTEXTO ESCOLAR**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RAIMUNDA MARIA DOS SANTOS MARTINS

**A LEITURA COMO PRAZER E MOTIVAÇÃO NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Memorial de formação apresentado como um dos pré-requisitos para a conclusão da licenciatura em Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício (Proesf) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M366L	<p>Martins, Raimunda Maria dos Santos.</p> <p>A leitura como prazer e motivação no contexto escolar: memorial de formação / Marlene Correia Leite. – Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p>08-296BFE</p>
-------	--

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente por ter me dado forças para vencer obstáculos, por ter me feito forte, não permitindo que o cansaço me dominasse, e se consegui chegar a este ideal, mais do que a todo mundo devo a ti senhor.

Aos meus pais, a quem devo tudo e não encontro palavras à altura da minha gratidão. Agradeço a vocês pelo o incentivo desde aquele momento que fui à primeira vez na escola e durante todo o meu percurso vocês sempre estiveram presentes. Vocês são figuras indispensáveis nessa conquista, de uma forma ou de outra são responsáveis por estar aqui. Papai, Mamãe; conseguimos! Essa vitória também é de vocês.

Ao meu querido esposo Martins, gostaria de agradecer pelo apoio e compreensão, pelas vezes em que precisou da minha atenção e estive ausente. Privamos-nos de grandes momentos de muitas palavras, de muitas noites, quando o dever do estudo me chamou. Essa vitória também é sua, pois, certamente, sem teu companheirismo, faltariam forças para alcançar este objetivo.

Aos professores que repartiram conosco seus conhecimentos colocando em nossas mãos as ferramentas com as quais abriremos novos horizontes, rumo à satisfação plena de nossos ideais profissionais e humanos.

Às minhas amigas de grupo Maria Luiza, Marlene Pereira, Maria Florentina, Nair, Goretti e Roseli, pela amizade sincera desde o princípio do curso, pelas trocas significativas de experiências, compreensão e solidariedade.

Aos meus alunos, que muito tem contribuído para a construção do meu conhecimento. Tão pequenos, mas grandes mestres do meu aprendizado.

“É justamente a possibilidade de realizar um
sonho que torna a vida mais interessante”.

Paulo Coelho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. O MEMORIAL	02
2. INFÂNCIA	03
2.1.INFÂNCIA - No mundo da literatura e cordel.....	05
3. NO CAMINHO DA ESCOLA	07
4. TOMADA DE DECISÃO	11
5. O NASCER DE UM SONHO	14
6. TORNANDO-ME PROFESSORA	17
7. TEORIA E PRÁTICA	18
8. A LEITURA	20
8.1.O prazer de ler, ouvir e contar história.....	22
8.2. Quem conta um conto, aumenta um ponto.....	23
9. O PROESF	26
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
11. REFERÊNCIAS	32

APRESENTAÇÃO

O presente memorial é constituído de relatos e experiências desde a minha infância, passando pelo meu processo de escolarização, enfatizando a metodologia e posturas do professores, bem como o papel do aluno no contexto escolar, os desafios da minha prática docente, retratando também minha trajetória acadêmica, minha mudança de postura frente às análises e reflexões feitas em minha prática diante dos conhecimentos que adquiri ao longo do curso do PROESF.

Ele é resultado de algumas reflexões acerca da importância da leitura no contexto escolar, como forma de despertar o prazer pela leitura mesmo antes de saber ler, ressaltando que com a leitura diária as crianças se interessarão mais pela linguagem escrita.

Também dei ênfase à questão do letramento, por fazer relação com o processo de leitura, de formação e, principalmente, com a possibilidade de realização de um trabalho significativo e prazeroso na escola. Os estudos hoje, vêm mostrando que crianças que tem maiores oportunidades de leitura junto a sua família já levam consigo muitos conhecimentos para a aprendizagem formal. Visto que, nem todas as crianças têm esse incentivo da família, considero a prática da leitura de fundamental importância dentro da instituição escolar. É importante que o professor proporcione esse contato desde muito cedo dá criança com o mundo letrado, que sejam trabalhados de forma prazerosa e significativa a leitura na sua diversidade textual.

1 – O MEMORIAL

Ao iniciar o curso de Pedagogia – PROESF na UNICAMP no ano de 2005, logo no primeiro semestre já era possível se ouvir falar do memorial de formação. Era a maior “falação,” era muito comentado entre os colegas de classe. No decorrer do curso, em cada disciplina os Assistentes Pedagógicos (APs) também nos alertavam para a escrita do memorial, sempre nos orientavam em relação às normas para apresentações de trabalhos acadêmicos, principalmente o memorial, também nos auxiliavam quanto ao uso da biblioteca, pesquisas via internet, etc., todos tinham muito interesse em nos ajudar, enfim, cada um em particular ao longo do curso deu o seu toque especial, acredito que em cada página, em cada parágrafo do meu memorial vou lembrar da fala de cada um deles.

Escrever este memorial, para mim é algo que vai dar movimento a minha trajetória de vida em seu todo emocional e social, através de minhas lembranças farei uma viagem no tempo, buscarei me descobrir como era, quais meus sentimentos, como era a minha vivência de acordo com cada contexto histórico em que estava inserida, que caminhos trilhei para me tornar professora, hoje, estudante cursando pedagogia, em uma Universidade de renome internacional, a UNICAMP. Assim escrever este memorial é rebuscar memórias adormecidas, rastros marcas, lembranças do passado, histórias que vamos vivendo e deixando de lado, esquecidas no abandono dos álbuns de fotografias, nos cadernos amarelados pelo tempo, e assim, vamos tecendo a nossa história e deixando as nossas memórias em meios aos caminhos adormecidas pela a ação do tempo.

Escrever a minha história através deste memorial é uma maneira de compartilhar minhas experiências de vida, apesar de prazeroso é difícil, é como juntar retalhos que vão se configurar em uma grande colcha. Vou juntar partes de minhas memórias e transformá-las na minha história, o meu memorial.

2- INFÂNCIA.

Não poderia deixar de escrever sobre essa fase da minha vida, ela é o ponto de partida, para que caminhos se abram em direção as minhas memórias que se perderam no tempo. Pensar na minha infância dá sensação de que estou entrando em uma portinha mágica que me leva para uma outra dimensão: Um mundo de criança. É nesse mundo que vou resgatar com muita emoção, as lembranças mais longínquas, imagens e sentimentos do meu tempo de menina.

Infância tempos doces de nossas vidas, fase onde as brincadeiras e travessuras se confundem com risos e diversão. Ao relembrá-la me faz sentir na boca até o gosto das balas de hortelã que ganhava do meu pai, quando ele voltava da cidade.

Até os sete anos de idade, morei na zona rural em um sítio pertencente ao meu pai, no município de Florânia, localizado na região seridó do estado do Rio Grande do Norte. Éramos uma família muito grande, composta por dez irmãos: sete meninas e três meninos. Hoje, costumamos brincar, que a nossa casa era a casa das sete mulheres. Também morava junto conosco um tio muito querido; o tio Cacheado, o irmão mais novo do meu pai, vítima de paralisia infantil, desde muito cedo passou a morar junto conosco devido o nosso sítio ser mais acessível a cidade. Apesar da sua deficiência sempre se mostrou uma pessoa alegre e de bem com a vida. Esse seu jeito de ser fazia dele uma pessoa cheia de grandes amigos e muito querido por toda criançada.

O meu pai, seu Manoel Tavares, assim como era chamado, sempre foi uma pessoa persistente desde muito jovem, com uma história de luta e dedicação sempre preocupado com a nossa educação, apesar de não ter muitos estudos, considero uma pessoa muito inteligente, fazia cálculos matemáticos como ninguém, tinha o seu cadernos de registros e nele anotava toda contabilidade do sítio como o pagamento de trabalhadores, dias trabalhados, porcentagens, era bonito de se ver. Lembro que ficava horas a observá-lo fazendo contas com sua caneta e ainda tirava a prova dos nove. Somente após os 60 anos, que ele voltou a estudar e conseguiu terminar o 1º grau.

Minha mãe, D. Teresa, grande guerreira, pois não deve ter sido fácil criar e educar dez filhos, sempre nos deu os ensinamentos necessários para que todos nós vivêssemos em harmonia. Ela era determinada, dedicada e comprometida com a nossa educação nunca permitiu que nos faltasse nada em relação a nossa vida escolar. Fazer parte dessa família tem um significado muito especial que não encontro palavra para

traduzi-lo. Com eles eu aprendi desde muito pequenininha a verdadeira essência da vida.

A nossa casa era um lugar que sempre estava cheio de gente, crianças não faltavam! Sempre vinham os primos, filhos de vizinhos brincávamos sempre em grandes grupos, o brincar fazia parte do nosso dia- a- dia, não marcávamos hora nem lugar para as nossas brincadeiras. Fazíamos aquela algazarra. De vez em quando, levávamos uns puxões de orelhas, mas não demorava muito estávamos brincando de novo. Não tínhamos brinquedos industrializados, à maioria eram confeccionados por nós mesmo, ou pelos nossos pais. Brincávamos de amarelinha, pular corda, esconde-esconde, cabra-cega, passa-anel e brincadeiras de roda. O resto era por conta da nossa imaginação. Essas brincadeiras geralmente aconteciam no final da tarde ou nas noites de lua cheia, quando o terreiro da nossa casa ficava todo iluminado pela luz da lua e se transformava em palco para as nossas diversões ainda tínhamos a mãe natureza como grande aliada, ela nos proporcionava lugares e momentos de muita alegria e diversão como subir em árvores, fazer cabana no meio do mato e tomar banho nos riachos enquanto nossa mãe lavava roupas.

Foi na disciplina, Educação da criança de 0 a 06 anos, que vim compreender como vem se processando as brincadeiras infantis. A cultura infantil está sendo moldada por forças sociais, políticas e econômicas, que agem sobre a criança. Hoje, elas não têm as mesmas oportunidades que tive para brincar no meu tempo de criança, faltam espaço e liberdade. A crescente onda de violência e perigos de acidente na rua, a necessidade de seus pais trabalharem fazem com que brinquem isoladamente, ou passem a maior parte do seu tempo diante da televisão. A poesia da Suzana Montauriol, do Cd “Flor do Algodão” retrata a criança dos dias de hoje:

Rua e Quintal

O sol perfura os talhos do telhado,
Para acordar a criança no sereno molhado.
É bem vinda à esperança de criança a brincar.
Criança acorda, estica o peito,
Balança acorda, sacode o leito.
Respira fundo dá seu jeito,
E encara o mundo

E anuncia num segundo,
Que ganhou o dia.
Dia que nasce alto no céu azul,
De todas as crianças de norte a sul.
E o sol, emudece.
Enquanto o carro canta e o perigo tece.
A criança que encanta o dia que amanhece,
No som matinal, da armadilha da rua
Que não tem mais quintal e que anda nua,
Que oferece tristeza, na calçada crua.
No olhar inseguro da criança tristonha
Com seu tempo em frangalhos
Na vontade medonha
De subir nos galhos de uma rua risonha
Sem buzinas, sem atalhos.
Percebe a criança seu tempo roubado
E voar mágoa a lado vira sonho encruado
E depois de acordada sem ter para onde ir
Espreguiça seu tempo e se amarra ao assento
Por não ter aventura no bosque,
Na árvore no vento
E liga a TV.

2.1– INFÂNCIA - No mundo da literatura de cordel.

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, recrio, re-vivo, no texto que escrevo a experiência vivida no momento em que não lia ainda a palavra (FREIRE, 1982, p.14).

Neste momento gostaria de ressaltar a importância que a literatura de cordel teve para mim desde muito cedo. Lembro-me que na minha infância não tive muito contato com livros, principalmente os de literatura infantil, os livros que tínhamos em casa eram

simplesmente uma “gramática”, um dicionário e uma bíblia, também tinha uma coleção de livros do Jorge Amado, eram uns livros bonitos, capa dura vermelha, mas éramos proibidos de manuseá-los. Não eram adequados para a nossa idade.

Além desses livros citados tinha uma caixinha de livros maravilhosos. Eram versos de literatura de cordel, tinha cada história que eu vou te contar! Histórias de encantamento, príncipes e princesas, outras falavam de amores proibidos, fatos do cotidiano, das grandes secas que assolavam o nordeste, histórias de cangaceiros como Lampião e Maria Bonita, Antonio Silvino e muito mais.

A literatura de cordel – assim designada, pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordel em exposição nas casas onde eram vendidos (DIEGUES JR. 1977 *apud* LIMA 2005, p.160).

O cordel é uma manifestação da cultura popular, herdeira da literatura oral e se utiliza de métricas e rimas em versos que contam histórias em folhetos simples. Suas ilustrações são produzidas em xilogravura (técnica de ilustrar o cordel para ficar mais atrativo) que podem ser cantados ou lidos. É uma literatura popular com influência européia muito presente na região nordeste.

Para Lima (2005) a literatura de cordel tem sua origem diretamente ligada às improvisações dos cantadores. Ao passo em que uns embolavam versos ao vento, outros poetas faziam trabalhar a memória e as mãos, para dali sair o registro que ficaria para posteridade. Na medida em que o cantador nordestino se tornava figura presente no cotidiano das populações surge, ao mesmo tempo, o outro tipo de poeta, aquele que dedicava a registrar história.

A disciplina, teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, através das oficinas realizadas na classe sobre a leitura, me fez relembrar o quanto a literatura de cordel me influenciou na construção do meu conhecimento sobre a escrita. Lembro-me que foi nos seus versos que dei os meus primeiros passos em direção a leitura.

3- NO CAMINHO DA ESCOLA

A minha trajetória escolar começou aos sete anos de idade. Meus pais sempre preocupados com os nossos estudos compraram uma casa na cidade. Quando completávamos a idade de ingressarmos na escola, passaríamos a morar na cidade junto com o tio Cacheado que era o responsável e também os irmãos mais velhos que ali já se encontravam. Enfim, o meu dia chegou. Para mim foi muito difícil ter ficar longe dos meus pais, o meu pai era visto com mais frequência, pois sempre vinha a negócios na cidade, minha mãe eu só podia vê-la aos finais de semanas, quando ela vinha nos visitar, ou íamos para o sítio. Alguns anos depois os nossos pais também passaram a morar na cidade e assim melhorou muito para todos nós.

Antes de penetrar no caminho que percorri durante o 1º e 2º Graus, acho importante trazer para esse trabalho, um pouco do contexto nacional da década de 1970, em que comecei a estudar, bem como a concepção de educação que predominava na sociedade brasileira.

Foi através da disciplina, Pensamento Histórico e Educação, que vim tomar conhecimento de como vem ocorrendo às reformas na educação brasileira.

A década de 1960 foi marcada pelo regime militar instalado no Brasil, a partir do golpe, pelo qual passou o país em 1964, década em que nasci, e que se estendeu até 1985. Nesse período iniciou uma repressão contra tudo e contra todos. Foram 20 anos de repressão, censura expurgos, aposentadorias compulsórias, exílio, arrocho salarial, hiperinflação, dissoluções de partidos políticos, “Anos de chumbo” que representou para o país o período de decadência político democrático pelos limites que impôs a sociedade brasileira. Segundo Cunha (1999, p.36): “A repressão foi a primeira medida tomada pelo governo imposto pelo golpe de 1964. Repressão a tudo e a todos considerados suspeitos de práticas ou mesmo idéias subversivas.”

No ano de 1984 há um intenso movimento democrático por eleições diretas, mas ainda em escolha indireta o congresso elegeu Tancredo Neves como presidente, que por motivos de saúde morreu antes de assumir e José Sarney na condição de vice assumiu em seu lugar.

Durante o período da ditadura, quero me referir especificamente a educação, que no governo militar passou por uma reforma ampla, em todos os níveis visando a atender as exigências da estrutura governamental.

Na direção do sistema educacional suas reformas tiveram início em 1968 quando foi implantada a lei de nº.5.540/68 que modificou totalmente a estrutura e organização do ensino superior, com a finalidade de controlar a liberdade de pensamentos e as ações acadêmicas.

Professores e estudantes universitários foram expulsos das instituições onde lecionavam ou estudavam. A denúncia de professores às comissões de investigação passou a ser um instrumento a mais de política universitária. A Universidade de São Paulo, das mais antigas, a maior e a mais conceituada das universidades brasileiras, foi palco dessa tenebrosa prática. O reitor Luis Antônio da Gama e Silva, ministro da Justiça e da Educação nos primeiros dias de governo golpista, aproveitou o período de caça às bruxas para demitir professores que lhe faziam oposição e consolidar seu poder na Universidade. (CUNHA, 1999, p.37).

No âmbito da educação do nível básico, no ano de 1971, aconteceu sua reforma com a promulgação da lei 5.692/71, complementando o ciclo de mudanças educacionais que o governo precisava para a manutenção de sua estrutura e repasse da ideologia dominante. Sua implantação se deu de forma gradativa, conforme as condições locais e regionais. Ela trazia em seu bojo mudanças radicais para alguns determinantes da lei nº. 4.024/61, lei de Diretrizes e Bases de Educação nacional em vigor até 1971. Os antigos cursos primário e ginásio foram unificados formando um único bloco de oito séries, recebendo a denominação de 1º Grau. Com isso, foi retirada a exigência do Exame de Admissão que representava a barreira à ascensão do nível primário ao ginásial. Os outros cursos; médio, científicos clássico, profissional e industrial foram transformados em um único curso, o 2º grau, com características exclusivamente profissionalizantes, e como sempre acontece na educação, os resultados estiveram longe de cumprir as belas promessas. (CUNHA, 1999).

Foi nesse contexto político-educacional que iniciei minha trajetória escolar de 1º Grau como era chamado na época, hoje denominado de Ensino Fundamental. Da 1ª a 8ª série, estudei na Escola Estadual Cel. Silvino Bezerra na cidade de Florânia/RN, tenho poucas lembranças dos meus primeiros anos escolares. Se usei cartilha? Não sei. Lembro-me muito bem do perfil do professor naquele tempo eram pessoas muito sérias, quase não conversavam. Na sala de aula reinava o silêncio, só a professora podia falar. Escrevíamos muito, não existiam folhinhas mimeografadas como hoje não! Era tudo no

lápiz. Só fazíamos o que o professor mandava. Não havia espaço para os jogos e brincadeiras como é muito utilizado no dias de hoje nas instituições escolares. Era tudo muito monótono. A escola para mim não representava um lugar gostoso de freqüentar, sempre fui muito tímida e o que vivenciava na sala de aula me fazia com que sentisse medo do professor e perdesse o interesse de ir para a escola.

Durante esses anos tive pouco contato com a leitura na sala de aula. Quanta raridade ouvir uma história contada pelo professor, não se ouvia uma poesia, uma música, nada! Quando o professor realizava atividades de leitura geralmente era colocada de forma obrigatória. Tive muita sorte de ter uma biblioteca pública próxima a minha casa, lembro-me que me interessava muito pelas lendas, achava-as muito bonitas o interessante que não lembro de ter lido um conto de fada, hoje eu me pergunto: onde estavam? Meus pais sempre nos contavam, mas confesso que só vim pegar um livro desse gênero quando comecei a trabalhar na educação infantil.

A década de 1980, marcada em seu início, ainda pelo tecnicismo implantado nos anos 1970, proporcionou mudanças com ênfase maior nas formas de organização do processo de trabalho. No ano de 1982, iniciei o meu 2º Grau, na Escola Estadual Teônia Amaral, a escola oferecia apenas dois cursos: técnico em auxiliar de escritório e o magistério. Como não tinha pretensão de ser professora, optei pelo curso de auxiliar de escritório. Lembro-me que me preocupava muito com as disciplina de química, física e matemática, com as quais sempre tive muitas dificuldades, não entendia direito as explicações dos professores porque eram rápidas demais, só se interessavam em transmitir conteúdos, suas metodologias eram centradas no autoritarismo, isto me fazia não gostar das suas aulas tinha até medo de me dirigir aos mesmos. Com todo medo, dificuldade e repressão, conclui o curso em 1985.

Ao terminar o curso de auxiliar de escritório, fiquei sem norte, sem ter o que fazer foi aí que decidi cursar o magistério, pois ingressar numa faculdade era muito difícil para mim, teria que ir para capital ou cidades vizinhas e financeiramente não tinha condições para isso, então o magistério foi uma razão para não parar os meus estudos.

No ano seguinte ingressei no magistério, mesmo não tendo a intenção de um dia vir a ser professora. O curso para mim foi muito prazeroso, pois na minha turma tinha algumas amigas que me incentivaram muito a voltar a estudar, lembro-me que no curso de auxiliar de escritório a turma na sua maioria era composta por homens, diferente do

magistério; a turma só havia mulheres, isso fazia com que me sentisse mais a vontade na sala de aula.

Para mim, estudar a noite era uma forma de sair de dentro de casa, sair do tédio, do marasmo noturno que uma cidade pequena possa oferecer. Durante as noites, a escola se tornava um lugar agradável, alegre, cheia de gente nas suas imediações, mesmo as pessoas que não estudavam gostavam de ir para lá, pois bem próximo a ela tinha uma praça e uma danceteria, então aproveitávamos os momentos de intervalos para encontrar amigos de outras turmas e colocar as fofocas em dia.

Do curso do magistério lembro-me muito bem dos extensos questionários aplicados pelos professores de algumas disciplinas que tinha como um único objetivo: a memorização de conteúdos para responder corretamente as avaliações aplicadas. Identifiquei muito com as disciplinas voltadas para a educação infantil, as aulas eram mais dinâmicas, eram mais estimulantes, me sentia mais a vontade para participar das aulas.

Conclui a habilitação para o magistério em 1988, o meu estágio para conclusão do curso foi realizado numa turma de 3ª série e numa sala de Educação Infantil, lembro-me que na sala da 3ª série, tive dificuldades, era uma turma muito numerosa a qual me deixou muito insegura, porém na turma da pré-escola foi mais tranquilo, consegui ministrar a aula com maior segurança e me saí bem.

Atualmente, analiso criticamente o modelo de ensino que reinou durante toda minha vida estudantil, o método de ensino predominante era o tradicional, os conhecimentos e valores eram passados para os alunos como verdade, o relacionamento professor-aluno era muito fechado. Predominava a autoridade do professor que exigia atitude receptiva dos alunos e impedia qualquer comunicação entre eles. O professor era considerado o “dono saber”, enquanto o aluno tornava-se um agente passivo do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, Paulo Freire nos fala: “Ensinar não é transferir conhecimentos mais criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.47).

Ao mesmo tempo compreendo que os professores daquela época, agiam da seguinte forma, não por que eles queriam, mas devido a toda uma estrutura política e social do próprio sistema que vigorava naquele tempo.

4 – TOMADA DE DECISÃO.

Antes de penetrar nessa nova fase da minha vida retomarei o momento histórico em que estava vivendo por ser o grande motivo da minha migração para o Estado de São Paulo. No ano de 1990, Fernando Collor de Melo assume a Presidência do Brasil; primeiro governo civil brasileiro, eleito por voto direto desde 1960. Com ele veio o Plano Collor que trazia grandes mudanças no âmbito da economia como: confisco monetário, congelamento temporário de preços e salários e reformulação dos índices de correção monetária. No ano de 1991, já era visível as dificuldades encontradas pelo plano de estabilização, que não acabou com a inflação. Lembro-me que naquele ano o meu pai tinha um pequeno comércio e para ele estava sendo muito difícil de mantê-lo e acabou falindo. Foi nesse contexto que percebi que precisaria fazer algo para ajudar aos meus pais financeiramente.

No ano de 1992, após muito diálogo com meus pais e com a permissão dos mesmos, tomei coragem e vim para o Estado de São Paulo, junto com uma outra irmã; a Sônia, morar na casa de um irmão na cidade de Hortolândia/SP. Não demorou muito conseguimos o nosso primeiro emprego em Campinas/SP, na área do comércio. Lembro-me que o centro da cidade havia muitas manifestações populares pedindo o Impeachment do Presidente. Nos jornais e televisão não se ouvia falar de outra coisa, eram muitas denúncias de corrupção e irregularidades no seu governo. Pensar que meu voto contribui para sua eleição chegava a doer na consciência, mas acredito que com o mesmo voto que contribuiu para levar ele a presidência eu poderia também tirá-lo do poder, também era a favor do Impeachment. Nesse mesmo ano foi votado pelo congresso nacional o Impeachment presidencial e seus direitos foram cassados por oito anos e Itamar Franco assume em seu lugar.

Trabalhei no comércio, junto com minha irmã numa batalha incessante, procurávamos economizar o máximo possível para ajudar a nossa família, com muito esforço e determinação conseguimos abrir o comércio do nosso pai novamente, não chegava a ser tão bom como o anterior, mais como diz o ditado: “dava para quebrar o galho”.

Trabalhei por nove anos consecutivos, lembro-me que no primeiro ano foi muito difícil para mim, sentia muito a falta dos meus pais, dos meus irmãos telefonava para eles todos os finais de semana por ser mais barata as tarifas. Nas minhas primeiras férias não pude ir por questões financeiras, mas no ano seguinte não agüentava mais de tanta

saudade e fui, e deste ano para cá, nunca mais passei um ano sem visitá-los. Para mim não tem Natal nem Ano Novo que me faça feliz longe da minha família. Quando foi no ano de 1996, a minha irmã decidiu voltar para o Rio Grande do Norte, o que me surpreendeu muito, pois ela sempre foi muito mais determinada do eu, acreditava que iria primeiro do que ela. Campinas/SP por ser uma cidade grande, a violência se faz presente no seu interior e ela não teve muita sorte, foi vítima várias vezes de assaltos, isso fez com que ela tomasse a decisão de voltar.

Morar longe deles, era muito complicado, confesso que muitas vezes chorei de saudade, fechava os olhos e ficava imaginando a minha casa, minha rua, sempre cheia de gente pelas calçadas, das noites de São João, quando as ruas ficavam iluminadas pela luz das fogueiras; cada casa tinha uma na sua frente. Sentia falta dos amigos que lá deixei enfim, sentia falta de tudo! Lá era tudo tão verdadeiro. Esse sentimento me remete, de modo muito intenso aos versos da poesia, Canção do exílio, de Gonçalves Dias, (2003, p.9), que ouvia meu pai recitar quando ainda era criança:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite-
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Morar em outra região era ter que conviver com a diferença. Era outro contexto, minha cultura era outra, ouvi muitas críticas por ser nordestina, as pessoas muitas vezes riam com deboche da minha fala, me imitavam, me deixava muito magoada. Para muitas pessoas que nunca tiveram a oportunidade de conhecer sequer um Estado da região, para eles o nordeste é sinônimo de pobreza, miséria e ignorância, até mesmo durante o curso de Pedagogia, alguns Assistentes Pedagógicos (APs), sempre colocavam o nordeste como exemplo.

Com o passar dos anos, fui aprendendo a lidar com as brincadeiras dos colegas, afinal eles também eram diferentes de mim. Foi na disciplina Multiculturalismo e Diversidade Cultural com a AP Marlene Ghiraldelli, que vim tomar conhecimento e compreender a razão de tanto preconceito. A leitura do texto; “Pensando em partir do Everardo Rocha,” me fez entender o porquê da não aceitação as diferenças. Tive a experiência de vivenciar um choque cultura.

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros, são passados e sentidos através de nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo como sentimentos de estranheza medo e hostilidade, etc. (ROCHA, 1994, P.9).

No decorrer dos anos, conheci o Martins (meu esposo), já não tinha tanta certeza se queria voltar para o nordeste, mas o casamento não me impedia de fazer minhas viagens todos os anos para lá. Agora eu tinha um companheiro para viajar. O Martins sempre gostou muito do lugar, ele tem um bom relacionamento com as pessoas, isso faz com que nossas viagens sejam muito prazerosas.

O trabalho no comércio estava se tornando muito cansativo e complicado para mim, eram demissões, falências, não tinha estabilidade nenhuma isso fazia com que me sentisse muito insegura. Diante de tantas incertezas, comecei a prestar concursos, fui persistente. Prestei em vários municípios, para vários cargos, menos para professor, pois não tinha a pretensão. Lembro-me que na cidade onde morava, no ano seguinte, após o término do magistério, teve um concurso para professor e eu não quis fazer de jeito nenhum. O meu pai ficou muito bravo comigo, pois na época ele era vereador do município e pagou a taxa de inscrição para várias pessoas, inclusive colegas minhas. Mesmo não tendo a pretensão de lecionar, sabia também que não estava preparada para exercer a profissão, afirmo que o curso para Habilitação ao Magistério não me fez compreender os verdadeiros caminhos por onde se processa a aprendizagem, as teorias estavam muito distantes da prática.

Continuei como comerciária, mas sempre atenta aos resultados dos concursos, nada me surpreendia, me desanimava, mas não desistia, continuava a prestar concursos. Para minha surpresa, no ano de 2001, quando voltava de mais um dia exaustivo de trabalho, debaixo da minha porta tinha uma carta; era uma carta da Prefeitura Municipal de Hortolândia/SP! Uma convocação! Tinha prestado concurso para o cargo de recreacionista, já fazia quase dois anos, nem lembrava mais do mesmo, a minha classificação não me deixou ter muitas esperanças, quando meu esposo chegou estava transbordando de felicidade, pois era um começo de uma nova história. Naquela época trabalhava nas lojas Renner, após ter certeza que realmente estava efetivada no município, fui lá dar a notícia para as colegas de seção e pedir a minha demissão.

5 - O NASCER DE UM SONHO...

Comecei a trabalhar como recreacionista, na escola de Educação Infantil, EMEI Santa Esmeralda. Era uma escola pequena, porém aconchegante, havia duas salas de creche (crianças de 0 a 3 anos) que funcionavam em período integral e apenas uma sala de pré-escola (crianças de 4 a 6 anos) que atendia em período parcial.

O cargo de recreacionista no município é destinado ao profissional da educação que trabalha com crianças de 0 a 3 anos, cuja função é desenvolver atividades recreativas, educar e cuidar da higiene e alimentação. Em outros municípios da região, esse mesmo cargo também pode ser encontrado com outras nomenclaturas: babá de creche, monitora, ou Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI).

Lembro-me que havia uma rotina diária constituída em uma seqüência de várias ações e horários a serem cumpridos durante o dia, como: hora do banho, almoço, parque, sono, lanche etc. Logo me adaptei, entrei no ritmo.

Para subsidiar o nosso trabalho, eram propostos pela Secretaria de Educação do município encontros quinzenais para troca de experiências, incluindo palestras, estudos teóricos e oficinas. Esses estudos vieram ao encontro com as minhas necessidades, pois sabia que o fazer diário não era o suficiente para desenvolver minha prática.

Trabalhar com crianças pequenas exige do educador de creche um trabalho polivalente, trabalhar conteúdos de natureza diversa que abrange desde os cuidados essenciais até os conhecimentos específicos proveniente das diversas áreas do conhecimento.

Essa proposta para a educação infantil se encontra no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, (RCNEI). O Currículo Básico da Educação Infantil é centrado nos eixos de Formação Pessoal e Social e Conhecimento do Mundo, considerado como as colunas estruturantes do processo da subjetividade do educando. Nele contem diversas formas de aprendizagem que é protagonizada pela criança. O trabalho do profissional da educação infantil deve contribuir para o desenvolvimento da criança a fim de que esta realize todas as suas possibilidades humanas característicos do período em que se encontra.

Foi na disciplina, Pedagogia da Educação Infantil, que ampliei os meus conhecimentos sobre a educação infantil, como vem se processando no Brasil e também a forma pela quais as crianças vêm adquirindo seus direitos ao longo dos anos dentro das instituições escolares. De acordo com Abramowicz:

A expansão deste tipo de educação, bem como sua importância, tem crescido desde o final da década de 60, na Europa e na América, com um novo impulso recente nos Estados Unidos, e, no Brasil, a partir de 1970. A crescente urbanização, a participação e inserção cada vez maior do trabalho feminino, a luta dos movimentos sociais, a antecipação crescente da escolarização de crianças, o fim de repetências (progressão continuada), a necessidade de antecipar a escolarização para colocar as crianças em melhores condições no ensino fundamental, as lutas pelo direito da criança à educação (consubstanciada no Estatuto da Criança e Adolescente – ECA - de 1990), são algumas das razões que contribuíram para essa expansão e que acabaram resultando ou sendo afirmadas, de maneira inédita no Brasil, na Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9394/96, que ratifica a educação infantil como dever do estado. (2003, p.14).

Como podemos verificar a implantação da Educação Infantil no país é recente, vem acontecendo de forma lenta e gradual a partir de 1988, os atendimentos das crianças de 0 a 3 (creches) passaram da responsabilidade da promoção social para a educação formal. A organização de caráter assistencialista passou a ser de caráter educacional: o cuidar e o educar, com a nova LDB, a Educação Infantil é incorporada ao Ensino Fundamental, sendo considerada a primeira etapa da Educação Básica, passando a ser um direito tanto das crianças como dos pais.

Trabalhar na creche me fazia muito feliz, gostava de ficar no meio da criançada para mim era muito prazeroso, participava dos jogos e brincadeiras junto com eles. Mesmo não tendo uma boa entonação de voz, não me importava, cantava com muito entusiasmo durante a hora da entrada, na roda, no final da tarde, era só ter tempo, e as crianças se divertiam cantando e fazendo gestos, as músicas da Xuxa, eram as nossas preferidas, dançávamos sem parar. Era muito divertido. Quando estava junto a eles, a sensação era de que voltava ser criança outra vez.

Para Machado (2001, p. 21): “Brincar é a nossa primeira forma de cultura e a cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de idéias e objetivos comuns”. Entendendo que o brincar faz parte da vivência da e que com isso a criança que brinca é capaz de construir conceitos, compartilhar pensamentos, solucionar problemas internos e assim vir a se tornar um adulto autônomo. Porém a brincadeira na infância não deve acontecer somente em função de uma de uma preparação para uma próxima etapa, mas sim como uma forma de expressão da criança, que deve ter a liberdade de ser criança desvinculada da visão de um vir a ser e sim sendo a criança no momento que ela é. Rosemberg, (1976, p.1467) aponta que: “Na sociedade centrada no

adulto a criança não é. Ela é um vir a ser. Sua individualidade mesmo deixa de existir. Ela é potencialidade e promessa.”.

Desta forma, cabem aos profissionais que trabalham com Educação Infantil, garantir que as crianças vivenciem a infância como crianças, despreocupando-se com uma antecipação desnecessária de atividades que preparam para o futuro.

Lembro-me que o espaço da creche era pequeno, era uma sala bem numerosa, muitas vezes tive que ficar com a turma sozinha devido à falta de funcionários, ficava sobrecarregada. Diante de tantas dificuldades ficava triste, pois me sentia impossibilitada de realizar um trabalho da forma que deveria ser, mas mesmo assim, procurava dar o melhor de mim, gostava de ver aquelas crianças felizes. Às vezes, me sentia cansada, mas no dia seguinte estava renovada para recomeçar.

Foi nesse contexto que comecei a me interessar pelo trabalho de professora, observava muito o trabalho dela na sala de aula e ao meu ver, não diferia muito do nosso trabalho. A diferença estava no trocar fraldas, dar banho, na carga horária e no salário. Com o passar dos tempos fui me relacionando com as professoras, conversávamos muito sobre o nosso trabalho e com o incentivo delas e de outra colega recreacionista, comecei a me interessar em ser professora. Após várias tentativas em concursos para o cargo de professora, em julho de 2003, fui convocada para assumir o cargo de professora no mesmo município. Fiquei feliz, porém o meu coração estava partido gostava dos pequeninhos de verdade, era o segundo ano que estávamos juntos, chorei bastante, mas, a minha oportunidade chegou. Era o começo de um outro capítulo da minha história.

6 – TORNANDO-ME PROFESSORA

Minha primeira experiência como professora se deu na Educação Infantil numa turma de jardim II (crianças de 4 a 5 anos). Era uma escola que estava sendo inaugurada no município, a maioria dos professores, assim como eu, não tinha m experiência na sala de aula. Vale ressaltar que foi uma experiência frustrante, lembro-me que era uma turma bem numerosa e a criançada estava cheia de energia para gastar, vi que estava enganada quando pensei que o trabalho da recreacionista não era muito diferente do trabalho do professor. Confesso que fiquei muito assustada, aflita, me sentia muito insegura.

Ao ingressar na carreira docente como toda principiante sem experiência, tive muitas dificuldades, mas três coisas me afligiam: primeiro a insegurança na parte do planejamento, procurava ajuda dos colegas professores da creche onde trabalhei, muitas vezes tomando emprestados seus cadernos, pois na unidade não acontecia um trabalho coletivo. As professoras que já tinham experiência dificilmente compartilhavam suas experiências. Segundo, a escola por ser nova não tinha praticamente nada de recursos pedagógicos que viessem subsidiar o meu trabalho. Terceiro não tinha domínio da sala de aula, os alunos eram muito agitados, falava com eles o tempo todo, não tinham muito interesse pelas aulas, alguns com comportamento muito difícil, ao final de cada aula sentia-me desestimulada, angustiada, sabia que precisava fazer algo, porém não sabia o quê.

Refletindo sobre a questão acima, não me arrependo de ter vivenciado esta experiência, apesar de não ter sido muito boa, para mim valeu muito, foi um tempo de aprendizado, apesar de todas as dificuldades aprendi muito no fazer cotidiano. De acordo com Pacheco:

O aprender e o ensinar são partes de um mesmo processo, que não exclui o professorado: ao contrário, amplia ressignifica seus saberes construindo e orientando sua formação, tecida pelas e nas redes de relações/interações vivenciadas no cotidiano (2004, p.44)

7 - TEORIA E PRÁTICA

No ano de 2004, na atribuição de sala, não me foi possível pegar classe na Educação Infantil, o que me deixou com muito receio, se minha experiência anterior foi um tanto conturbada imagine então no Ensino Fundamental! Por incentivo de uma colega escolhi uma 1ª série, na EMEF Jardim Adelaide. Desde o primeiro momento nessa unidade, senti uma sensação diferente, algo de bom estava por vir, fui bem recebida pela equipe diretiva, estavam todas animadas para o início das aulas. A coordenadora atuava com muito dinamismo e entusiasmo sempre tentando promover um trabalho coletivo. Durante todo ano letivo, tive um grande apoio por parte dela, isso me fez com que me sentisse mais segura para desenvolver a minha prática em sala de aula.

Alfabetizar seria desafiador para mim, dessa vez com certeza, iria necessitar de respaldo teórico, como já citei anteriormente o curso do magistério não me fez compreender os verdadeiros caminhos por onde se processa a aprendizagem e a minha pouca experiência na Educação Infantil, não iria me ajudar muito. Nesse mesmo ano tive a oportunidade de cursar o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), criado pelo MEC, o referido curso veio ao encontro aos meus anseios, contribuiu muito para o desenvolvimento da minha prática docente, me fez refletir sobre minha prática pedagógica, buscando criar e recriar metodologias significativas para o aluno, partindo do princípio de que toda criança pensa e tem idéias próprias do mundo em que ela vive. A criança ao chegar à escola, já traz conhecimentos que estão ligados às suas vivências, cabe ao adulto compreendê-la como um ser pensa e faz a suas próprias descobertas.

Sobre este aspecto diz Freire:

Ensinar exige respeito aos saberes do educando [...] pensar certo coloca ao professor ou mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construído na prática comunitária. (2006, p. 30).

Hoje, de acordo com as teorias estudadas, entende-se que o conhecimento é um processo de construção que ocorre sempre num contexto social. É baseado na compreensão, é sólido, sustentado não apenas pelas informações do livro didático e professores, mas também pelas experiências do próprio aluno.

Lembro-me que logo no início do ano fiquei muito preocupada, tinha pouco conhecimento sobre alfabetização e letramento como já citei anteriormente nem lembro a forma que fui alfabetizada, como iria alfabetizar letrando! Foi através da disciplina, Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa que vim ter uma maior compreensão sobre o assunto. Para refletir sobre o conceito de letramento gostaria de resgatar a autora Magda Soares:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequentemente de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 1998 *apud* LEITE, 2001, p.30).

No modelo de ensino tradicional, alfabetiza-se usando o método sintético, o que se inicia no ensino da leitura e da escrita, por letra e som (alfabético ou fônico) e por sílabas (silábica) num processo que consiste em ir das partes ao todo, ou seja, era uma aprendizagem mecânica, fragmentada e descontextualizada, pois para aprender não era preciso criar hipóteses, pensar, construir seu próprio caminho, mas somente memorizar e copiar o que era transmitido pelo professor.

Atualmente a alfabetização significa ir mais além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer o uso da leitura e da escrita do cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas.

Segundo Magda Soares:

Estado ou condição: essas palavras são importantes para que se compreendam as diferenças entre *analfabeto*, *alfabetizado* e *letrado*; o pressuposto é que Aprender a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição. Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é mais a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (2001, p. 36).

8 - A LEITURA

Ainda de encontro às lembranças significativa da EMEF Jardim Adelaide, com a turma de 1ª série, uma coisa que me chamou muito a atenção foi o projeto leitura que era desenvolvido na unidade, o projeto envolvia alunos, professores, funcionários e a comunidade num só objetivo: Despertar na criança o prazer pela leitura, além disso, promovia o contato com os diversos gêneros textuais. Cada professor tinha um compromisso de durante a semana trabalhar um gênero de leitura com a classe, para depois socializar com as outras turmas, havia também um dia e horário pré-estabelecido para os encontros de leitura no qual a escola e a comunidade era convidadas a participar. Para mim foi uma experiência maravilhosa, me engajei no projeto, percebia a necessidade de desenvolver um trabalho significativo e prazeroso com a leitura na sala de aula, pois nem todas as crianças tinham esse incentivo em casa.

Acredito que através de atividades de leitura o acesso da criança na sociedade é mais democrático e as chances de evasão e exclusão da escola são menores, por isso considero a prática da leitura de fundamental importância dentro instituição escolar. É importante que a escola incentive o professor a fazer isso, proporcione o contato do aluno com os mais diversos tipos de texto e leituras, para que ele possa ter acesso a um universo letrado. Soares (2001, p. 3), diz que: “Fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüísticos entre outros”.

Durante o ano trabalhei muitos momentos de leitura como as crianças como eles não podiam fazer empréstimo de livros na biblioteca da escola, organizei uma mini biblioteca na sala de aula para que eles pudessem também está levando livros para casa. A cada semana era eleito um bibliotecário para preencher o cadastro e estabelecemos um horário para que as crianças pudessem pegar livros de seu interesse.

Além do projeto leitura da escola, da mini biblioteca, era também trabalhada na sala uma diversidade textual como: poesias, músicas, fábulas, contos de fadas, contos populares, gibis, receitas, etc. e também a literatura oral. Utilizava-me de outros recursos para enriquecer o momento da leitura como: vídeo, dramatizações, confecção de livros, contação de histórias, fantoches que também eram manipulados pelas crianças, aproveitava o gancho para trabalhar a linguagem oral e escrita. A partir das atividades de leitura, abria-se um leque de opções para se trabalhar a escrita, notava-se,

quando era proposta uma atividade de escrita relacionada com a leitura anterior os alunos tinham mais interesse em realizá-las.

No ano de 2005, estava eu de volta a Educação Infantil mais uma vez, com uma turma de pré-escola (crianças entre 5 e 6 anos), nesse ano tive a oportunidade de participar do Projeto Sala de Leitura; um projeto da rede de ensino do município. Na condição de professor multiplicador, desenvolvia o projeto na escola em que trabalhava no período oposto, durante dois dias por semana mediante um cronograma que foi montado junto com os professores da unidade. Foi um ano e meio de muito entusiasmo e dedicação, infelizmente em 2007, o projeto chegou ao fim.

Durante esse período desenvolvia atividades voltadas à leitura, manuseio de livros, lia e contava histórias, com ou sem recursos, envolvendo o lúdico e a participação das crianças, fazíamos apresentações, exposições enfim, eram desenvolvidas atividades motivadoras que tinha como propósito despertar na criança o gosto pela leitura de forma prazerosa.

Ao meu ver a escola ficou mais alegre, criou vida, me sentia importante, não passava despercebida aos olhos das crianças, lembro-me que quando chegava à escola, logo de manhã, as crianças ainda estavam no refeitório tomando leite nem bem chegava ao portão elas já começavam falar num só coro: tia Rai! Tia Rai! Tia Rai! Confesso que ficava emocionada, pois sabia que para muitas crianças ali, eu era o canal para o mundo da leitura.

No decorrer do projeto tínhamos encontros quinzenais com os coordenadores do mesmo, nesses momentos trocávamos idéias, compartilhávamos experiências tivemos muito apoio e respaldo teórico como: palestras, cursos com contadores de histórias, livros à disposição para pesquisas e livros de literatura infantil para empréstimo. Dessa forma o trabalho com a leitura fluía “as mil maravilhas”.

A cada dia o projeto se tornava mais apaixonante, como não tinha uma biblioteca na nossa unidade, o trabalho era feito direto na sala de aula, ou então na sombra de uma árvore, no pátio ou em qualquer lugar que fosse conveniente. Somente no ano de 2006, uma das salas ficou livre e durante os dias do projeto transformava esta sala em um ambiente letrado, atrativo e aconchegante, com almofadas, tapetes, cartazes, depois de uma bela história as crianças se deliciavam com os livros da biblioteca móvel.

Um dia, fiquei admirada com a atitude de uma criança da creche, ela entrou correndo na sala, fechou a porta, pegou um livro e sentou no chão e pôs-se a folheá-lo, não demorou muito a recreacionista, veio a sua procura, pois era a hora do sono. Era

maravilhoso, não só para as crianças, mas também para mim também, estava encantada com as atividades de leitura, juntos viajávamos no mundo literário através da magia e da imaginação.

Ensinar é apaixonante. Quando experimentam essa perigosa paixão, professores e professoras apaixonados passam a acordar cedo e dormir tarde, movidos pela a idéia fixa de que podem mover o mundo [...] Os professores apaixonadas estão empolgados pela a arte de ensinar, que é a arte e dar contexto a todos os textos [...] Os professores apaixonados, com ou sem carro, buzina o silêncio comodista, dão carona para os alunos que mais longe do conhecimento, saem cantando o pneu de alegria. (PERISSÉ, 2004, p.17).

8.1 - O prazer de ler, ouvir e contar história.

Não há forma de arte mais difícil e mais sublime que um livro de bons contos infantis, que constituem a delícia dos pequenos, na infância, e a saudade dos grandes, toda a vida.

Afrânio Peixoto

Contar história é uma arte que mantém viva a tradição oral. As histórias aproximam as pessoas, são ao mesmo tempo entretenimento e aprendizagem, é uma ação de afeto, e uma relação que cria afetividade com o outro. As crianças gostam de ouvir histórias e nem todas tem essa oportunidade em casa é importante que o professor conte histórias para seus alunos. As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meio preciosos de ampliar o horizonte das crianças e aumentar seus conhecimentos em relação ao mundo que a cerca

Como já citei anteriormente, na minha infância não tive muito contato com livros, principalmente de literatura infantil, mas tive o prazer de ouvir muitas histórias as pessoas que contavam não tinham função de contadores de histórias; eram meus pais tios e avós. Essas pessoas marcaram muito a minha vida, eram muito habilidosos para contar histórias como: os contos de reis e rainhas, histórias de encantamento, contos de fadas, lendas, e assombração, histórias que nunca mais esqueci como a do João Bobo, João Sem Medo, Pedro Malazarte, que até hoje conto para os meus alunos.

Um fato que marcou muito a minha infância, foi a presença de pessoas na minha casa, quase todas as noites eles vinham para tomar um café e prostrar, ficavam até tarde da noite conversando e contando causos de assombração, lobisomem que eles garantiam que eram verdadeiras, contavam com tanta autenticidade que prendiam a minha atenção, do começo ao fim, me levando a um mundo imaginário cheio de suspense e

assombração. Mas, as histórias não se resumiam apenas durante a noite, o tio Cacheado, era um excelente contador de histórias, eu e minhas irmãs acordávamos junto com as galinhas, bem o sol não saía, corríamos para cama dele para ouvir as suas histórias, contava uma..., contava duas..., contava três, e nós sempre pedindo mais. Como um bom contador de histórias ele tinha a capacidade de me fazer viajar no mundo da fantasia e da imaginação sem sair do lugar.

A leitura literária é portadora de uma grande magia que nos permite viver mais e melhor ser outros sem deixar de ser o que é, deslocar-se no tempo e no espaço sem sair do lugar e viver as mais ousadas aventuras do corpo, sem perder o juízo ou trair o coração (SILVA, 1997, p.11).

8.2 - Quem conta um conto aumenta um ponto.

Quem nunca ouviu esse ditado? Os contos populares é um material riquíssimo e muito importante para ser integrado ao processo educativo junto aos alunos, como já foram expostos anteriormente, os cursos com contadores de histórias, me proporcionou várias técnicas para se contar, inclusive as narradas, que para mim são muito fascinantes, quando ouço alguém contar história ainda tenho a mesma sensação de quando era criança, viajo no mundo da imaginação.

Foi na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em História, ao ler o texto de Darnton, “O significado da Mamãe Ganso” que vim tomar conhecimento de como surgiram os contos, eles foram recolhidos diretamente da tradição popular oral. As grandes coletâneas organizadas no fim do século XIX e início do século XX, pelos folcloristas da época, são fundamentalmente os contos infantis que fascinam até hoje crianças do mundo inteiro.

Segundo Darnton (1996), os contos de fadas foram criados no fazer social, nos velhos tempos o povo assentava em volta da fogueira para se alegrar e contar causos. A prática de contar história é muito antiga, acredita-se que o ser humano começou contando o próprio cotidiano, depois os hábitos e acontecimentos a sua volta, eram também um meio encontrado pelo povo para exprimir seus sentimentos de alegria, tristeza, injustiça, revolta e dificuldade e comportamentos imaginários de que os camponeses medievais lançavam mão, ou não, para sair do estado de miséria em que viviam. Com os tempos os contos viraram tradição.

Muito embora os contos de fadas estejam atrelados à realidade socioeconômica da Europa medieval eles são sempre atuais, porque se envolvem no maravilhoso, partindo de uma situação real lidam com sentimentos que qualquer criança já viveu. Lembra Abromavich, (1995, p.120). “Por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes. Perpetuando-se até hoje”.

Atualmente estou com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, pensando na leitura como algo prazeroso e cotidiano na sala de aula, desde o início das aulas a leitura se faz presente diariamente na sala de aula, além de contar muitas histórias procuro promover o contato do aluno com os mais diversos portadores de textos, através da roda, hora da leitura, o cantinho da leitura e é visível que quando colocamos o aluno em contato com a literatura o interesse deles é maior. Logo no início da aula, enquanto me organizo, eles já vão direto para a prateleira pegar livros, foi um combinado desde o início da aulas, deixo eles à vontade por alguns minutos, fico a observá-los como se deliciam com os livros, às vezes olham muito rápido para pegar outro, trocam entre si no maior dinamismo. Quando retomo a aula eles guardam os livros debaixo das mesas para outro momento.

Acredito que para que os alunos tenham mais interesse pela leitura, é preciso que desde muito cedo o professor esteja realmente envolvido com a prática da leitura, com o ato de contar histórias e fazer circular na sala outros tipos de textos. À medida que promovemos esse envolvimento da criança com a leitura ela vai se envolvendo e se dando conta do prazer que a leitura pode nos dar.

O que se observa hoje, é que o aluno tem acesso às obras literárias e aos autores, mas o que falta é o prazer e o gosto pela leitura, pois falta motivação para ele e o estímulo à produção. Para que o aluno se torne um leitor e tenha uma maior aprendizagem da língua, é necessário que o professor estabeleça esse contato.

Lembro-me que na disciplina de Planejamento e Gestão Escolar com o professor Júlio, além dele trabalhar os conteúdos da disciplina, que eram voltados para a administração e gestão escolar, ele fazia uma coisa que me chamava atenção; ressaltava a importância do professor leitor, a importância de termos o hábito de ler. Ele iniciava sua aula com a leitura, de trechos do livro “As mulheres de Cabul”, e todas nós ouvíamos com muita atenção. Essa atitude do professor fez com que o livro passasse a ser notado por mim, sempre que entrava numa livraria via o livro e não demorou muito

acabei comprando, ainda não comecei a ler, por falta tempo. Em muito breve terei tempo de sobra para fazer a sua leitura.

Segundo Paulo Freire, (2001, p.34) “Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. Inspirada no professor Júlio, também comecei a ler para os meus alunos, o que para mim está sendo muito gratificante. Atualmente estou lendo poesias do livro a “Arca de Noé”, do Vinícius de Moraes, a cada dia leio uma, e como uma coisa sempre puxa outra, na leitura não poderia ser diferente. Com a leitura diária das poesias as crianças ficaram interessadas em saber quem era o autor, o que me levou a fazer pesquisas na internet e junto às famílias também, as crianças se interessaram também em ouvir a história da arca de Noé. Além de termos o livro, temos também o CD com as músicas e as crianças se divertem cantando e dançando, principalmente a música do pato que é muito animada.

Percebi que a cada dia que passava as crianças iam ficando mais interessadas pelas poesias do Vinícius, gostavam de manusear o livro, o interessante que após a leitura de uma determinada poesia, colocava o livro em cima da minha mesa e o livro sumia de lá, perguntava se alguém viu o livro, todos falavam que não, mas não demorava muito para ouvir alguma criança recitando uma poesia baixinho, percebi que elas já conseguiam localizar as poesias no livro, principalmente “As borboletas”, que eles já sabem de cor e fingia estar lendo:

Branças, azuis, amarelas e pretas
Brincam na luz, as belas borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam muito de luz.

As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

(Vinícius de Moraes)

Ao iniciar minha carreira docente, a educação nacional, já era regida pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº. 9.394/96, que introduz mudanças significativas na educação básica de nosso país. Outra lei que trouxe mudança para o Ensino Fundamental foi a Lei nº. 11.274, sancionada em 6 de fevereiro de 2006, que

dispõe sobre a duração de 9 anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Podemos observar que a mesma veio consolidar a proposição de expansão desse nível de ensino, contida na LDB, e no Plano Nacional de Educação – PNE, Lei n.º 10.172 (BRASIL, 2001).

Concluindo, afirmo que se quisermos de fato, que os nossos alunos apreciem a leitura de forma prazerosa e venham se tornar futuramente leitores competentes, é de fundamental importância a prática da leitura dentro da instituição escolar. É preciso criar condições letradas na sala de aula, não só no período de alfabetização, mas em todos os níveis de ensino. Para que a criança possa efetivamente vir a valorizar o hábito de ler, depende da oportunidade de leitura que lhe é colocada e muita clareza na perspectiva em que se coloca essa oportunidade. O que se observa hoje, é que o aluno tem acesso às obras literárias e aos autores, mas o que falta é o prazer e o gosto, porque na maioria das vezes a leitura é colocada de forma imposta e obrigatória.

9 - O PROESF

A realidade se transforma diariamente, de hora em hora, e o educador deve transformar-se para não se tornar um caudatário das mudanças. Transformar-se como um educador significa avaliar as transformações que ocorrem e oferecer respostas melhores, interpretações mais penetrantes, sugestões mais acertadas, caminhos mais inteligentes.

Gabriel Perissé

Neste capítulo apresento o perfil do meu crescimento e aprendizagem no âmbito da minha vida acadêmica. Contemplo hoje perspectivas e contribuições que me dão bases para realizar estudos, percorrer caminhos e seguir metas de aplicação desses conhecimentos e experiências no contexto da sala de aula, para renovar o meu fazer pedagógico.

O Curso de Pedagogia para Professores em Exercício (PROESF), é parte de um convênio entre a Faculdade de Educação da UNICAMP, e os Municípios da Região Metropolitana de Campinas, para garantir a qualificação para professores em exercício da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Embora tenha sido a minha chegada à universidade por meio de exigências do sistema educacional, confesso que era um sonho que sempre tive e nunca tive a oportunidade. Com o início de minha carreira docente o desejo de fazer o curso de Pedagogia se tornou mais forte, já tinha tentado na UNICAMP, por um descuido meu no ano de 2004, não fiz a inscrição, confundi as datas, perdi a oportunidade que todos diziam ser a última.

Mas, no ano de 2005, surgiu a oportunidade novamente, a Unicamp, abria inscrição mais uma vez para o curso do PROESF, fiz minha inscrição para o processo seletivo, dessa vez com muito cuidado para não dar erro como a anterior, e a aprovação veio como prêmio para a realização do meu sonho.

Ao ingressar na UNICAMP, sentia-me um pouco perdida e, naturalmente, tudo parecia muito confuso. Fiquei muito tensa nos primeiros dias de vida acadêmica, a Universidade era enorme, ficava toda atrapalhada, eram muitos anos sem estudar teria que me adaptar a vida de estudante. No entanto estava muito feliz, por estar dentro de uma universidade como a UNICAMP, espaço acadêmico de grandes mestres, doutores da Educação que só conhecia através dos livros, era inacreditável, com o passar do tempo fui me acostumando com a idéia de estar estudando numa universidade tão importante, lembro-me que alguns APs diziam que ali estava a “elite” do conhecimento.

O curso de Pedagogia me proporcionou uma teorização onde apontava saídas para resolver conflitos enfrentados no dia-a-dia do universo complexo que cada professor enfrenta. Através de metodologia de interação, entre teoria e prática, desde o primeiro semestre os erros da minha prática pedagógica já iam sendo detectados e corrigidos a luz dos conhecimentos teóricos, transcorrendo entre descobertas, reflexões e mudanças de visão de mundo. O meu despertar foi se dando de forma gradativa, conforme a operacionalização do currículo e a realização de estudos e pesquisas bibliográficas. Posso hoje apontar com muito orgulho o meu crescimento tanto na vida profissional, como pessoal.

Em se tratando de um curso de formação docente, o currículo deste curso contemplou um vasto conjunto de conhecimentos indispensáveis ao profissional de educação, principalmente os que atuam na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. As disciplinas e metodologia adotadas garantem uma base teórica pela leitura de obras e autores diversificados, que estudam as diversas áreas do conhecimento, relacionada à Educação que nos leva a refletir sobre a nossa prática pedagógica em vários aspectos.

Em cada semestre, em cada disciplina, sentia de forma gradativa o meu crescimento na vida profissional, principalmente nos aspectos abaixo relacionados, os quais integram a ação educativa em particular, ação pedagógica em sala de aula.

As disciplinas, Pensamento Histórico e Educação, Pensamento Filosófico e Educação, Pensamento Sociológico e Educação, foram de grande importância para a minha aprendizagem. A internalização dos conteúdos era constante, me proporcionando refletir criticamente fatos e acontecimentos do contexto educacional brasileiro. Esses conhecimentos foram ampliados e fortalecidos através das disciplinas, Planejamento e gestão Escolar e Políticas Educacional e reformas educativas.

Outras disciplinas de fundamental importância foram, Educação da Criança de 0 a 6 anos, Pedagogia da Educação Infantil e Pensamento Psicológico e Educação, que tratavam especificamente da criança e de sua forma de aprender e se socializar e por estar diretamente ligada a faixa etária de alunos que atuo. Essas disciplinas contribuíram para a ampliação e compreensão do meu conhecimento sobre a infância comportamento e desenvolvimento cognitivo, como também os processos histórico-sociais que permeiam a pedagogia da infância.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa veio subsidiar-me na aquisição de novos conhecimentos sobre as contribuições da

Linguística e da Psicologia (teorias construtivistas e histórico-cultural) para o processo de alfabetização escolar e as alternativas para as práticas pedagógicas no trabalho de leitura e escrita, me proporcionando também um entendimento mais amplo sobre Alfabetização e Letramento, que era um tema que muito me afligia. A aquisição da leitura e da escrita foi para mim a mais significativa descoberta nessa caminhada. O que antes era a concreta memorização de sons e cópias fiéis do aprendizado, hoje a compreendendo sobre outro prisma.

Quero ressaltar que a cada semestre na universidade, sempre tive uma oportunidade a mais de conhecimento, aprendizado e reflexão sobre o meu fazer pedagógico. Cada disciplina contribuiu de forma relevante, algumas contribuíram em maior escala, outras em menos, porém todas as disciplinas foram sempre uma oportunidade a mais de conhecimento e de fundamental importância para melhoramento da minha prática pedagógica.

E, como aluna do curso de Pedagogia, senti meu crescimento profissional a cada dia. Isso tem contribuído para aumentar a consciência de minhas obrigações e da responsabilidade perante aos meus alunos. O estudo me impulsionou para uma outra concepção de vida, ajudou-me a redirecionar minhas ações em sala de aula e conseqüentemente, ser uma profissional mais atuante.

Reflico constantemente sobre a minha prática docente. Mesmo sabendo que tenho melhorado a qualidade do meu trabalho, tenho consciência do muito que tenho que aprender, buscar novos conhecimentos, e aprofundar-me cada vez mais sobretudo no que envolve a educação.

10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno ao meu passado e os conhecimentos que hoje detenho sobre a Educação foram os elementos fundamentais para a elaboração desse memorial. As leituras realizadas durante este curso, aprofundadas pelas discussões em grupo e exposições em seminários, tiveram o poder de me despertar para o mundo do conhecimento científico e para o valor desse conhecimento.

Os fatos, acontecimentos que foram registrados no decorrer deste memorial, possibilitaram-me realizar uma análise avaliativa de toda minha trajetória de vida, desde a minha infância perpassando pela trajetória estudantil e profissional até a minha formação acadêmica. Os conhecimentos da história e da política educacional brasileira contribuíram para a compreensão da estrutura e funcionamento do sistema educacional brasileiro, que em cada fase de sua história, teve um determinante político definindo o quê, o como e o para quê da Educação, no país. Somente agora, tenho conhecimento das causas que determinaram à organização da escola pública, a qual fui submetida quando criança, adolescente e jovem.

Através deste Memorial busquei focar a importância da leitura dentro da instituição escolar como forma de despertar na criança o gosto e prazer pela leitura, ressaltando também a importância da exposição dos alunos em um ambiente letrado. As crianças gostam de ler e ouvir histórias e nem todas tem essa oportunidade em casa. Crianças de classes mais favorecidas economicamente têm em casa essa oportunidade de conhecer os livros de histórias, presenciarem a mãe lendo uma revista, ou o pai lendo uma notícia de jornal, então elas já estão inseridas numa cultura letrada. Infelizmente, isso não acontece com todas as crianças do nosso país, principalmente as crianças de escolas públicas. Sabemos que faltam políticas públicas mais eficientes para favorecer o aprendizado da leitura e escrita no nosso país, faltam bibliotecas, acervos de livros para escola, faltam um investimento coletivo da escola. É necessário que se crie situações em que as crianças tenham contato com o livro que des cubram a leitura como forma prazerosa. É importante uma ação pedagógica transformadora, é fundamental que o professor promova esse contato do aluno com os diversos tipos de textos, a leitura forma repertório possibilita o sucesso escolar do educando.

A importância da leitura pertencer ao universo em que a criança está inserida é o principal estímulo para que ela possa efetivamente vir a valorizar o hábito de ler, isso tem haver com as oportunidades que ela tem de leitura e também com a forma pela qual

leitura é colocada. Muitas vezes algumas práticas escolares acabam “matando no aluno” o prazer da leitura, portanto é importante não didatizar, trabalhar a leitura de uma maneira que as crianças desfrutem, descubram a leitura como algo prazeroso.

As pessoas se tornam letradas na medida em que convive com práticas sociais de leitura. O letramento envolve o contato com os diversos tipos de textos, isso pode acontecer desde a Educação Infantil, pois o professor pode levar a criança a perceber as diversas formas de leitura, mesmo sem a criança saber ler.

Durante esse curso passei a ter uma plena consciência que é preciso desenvolver um trabalho de forma significativa com os alunos, pois a leitura amplia as condições de acesso à cidadania.

Chego assim, a uma gratificante conclusão de que só apropriação do saber é que nos dá a compreensão para identificarmos as falhas e as condições para reelaborarmos nossas ações profissionais de forma competente.

O educador não deve ser acomodado, precisa sempre buscar algo novo, obter experiências e multiplicar idéias para construir uma educação de qualidade. Este é o nosso grande desafio. Portanto o meu aprendizado não se limita apenas a conclusão do curso e o recebimento do diploma, mas a abertura para trilhar um caminho em permanente formação . Esse caminho é a educação, nunca acabada, nunca concluída.

11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMAVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 2^a ed. São Paulo, Scipione, 1995.

ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à educação Infantil. **Revista PRO-POSIÇÕES**. Revista da faculdade de Educação/ Unicamp: vol.14, n.3, jan./abr. 2004.

BACELAU, Laura. (org). **Canções do Brasil**. Coleção Palavra da gente; v.4. Poesia. São Paulo: Scipione, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CUNHA, L. A e GOES, M. O Golpe na Educação. 10^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. GHIRALDELLI JR. P. História da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

DARNTON, Robert. História que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso. In: _____. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p.21-121.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 11^a ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez. 1985. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

LEITE, Sergio Antônio da Silva (org). **Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, Komedi: Arte Escrita, 2001.

LIMA, Marinalva Vilar de. História e poesia popular. **EDUCERE**, In Libris Scrips. Revista do Departamento de Educação – URCA. Crato, CE. vol.1, n.1,p.159-167, abr. 2005.

MACHADO, Maria Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança A importância do brincar, atividade e materiais**. São Paulo: Loyola, 2001.

PACHECO, Dirceu C. Cotidiano: Espaço tempo do aprender ensinar. In: AZEVEDO, Joanir. G.E. ALVES, Neila G. (org.) **Formação de professores Possibilidades do Imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PERISSÉ, Gabriel. **A arte de ensinar**. São Paulo: Ômega, 2004.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSEMBERG, Fulvia. Educação: para quem? **Ciência e Cultura**, 28, dez/ 1976, p. 1466-1471.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento um tema de três gêneros**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.